

“Emaranhados criativos”: reflexões sobre as linhas no trabalho fotográfico de Ubirajara

Renata Souza

Como citar: SOUZA, R. “Emaranhados criativos”: reflexões sobre as linhas no trabalho fotográfico de Ubirajara *In* : SOUZA, R., RANCAN, U.(org.). **Transcrições**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p.63
DOI:<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-284-0.p63>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

"EMARANHADOS CRIATIVOS": REFLEXÕES SOBRE AS LINHAS NO TRABALHO
FOTOGRAFICO DE UBIRAJARA

Renata Souza

Em que momento a semente começa a germinar, a sair do solo e a virar linha? Ou, dito de outro modo: em que momento as imagens começam a ganhar vida própria, desgarrando-se, assim, dos emaranhados criativos que lhes deram origem?

Do entrelaçamento de linhas, de variados vetores, volumes, texturas e cores, o trabalho fotográfico de Ubirajara [também conhecido como “Bira”] convida-nos a refletir, imagetivamente, sobre a dinâmica dos processos criativos na arte e na vida. Em uma espécie de emaranhamento de linhas em processo de expansão, dispersão e cruzamento, as linhas imagéticas que se configuram no trabalho do referido artista parecem apontar para aquilo que Tim Ingold [2012], filósofo inglês, denominou “emaranhados criativos”. Para explicitar a noção de emaranhado, Ingold se vale da metáfora biológica do crescimento da planta. A referida metáfora ilustra o processo de ramificação e crescimento de linhas que se dá a partir de um ponto inicial, como, por exemplo, na atividade de germinação e desenvolvimento de uma semente.

A ideia de emaranhamento traz à baila não apenas aquela de mistura, enredamento e confusão, mas a de integração e fluxo, como ressaltado pelo pensador supracitado. Do emaranhar de linhas que se cruzam em diferentes momentos no tempo, como o encontro da semente com a terra fértil, com a água e com a luz solar, há a possibilidade do crescimento da planta. Será a partir dessa concepção inicial de emaranhamento que pretendemos pensar o trabalho fotográfico e o processo criativo de Bira.

Em um primeiro momento, a fim de se pensar a obra, propriamente dita, de nosso fotógrafo, propomos a inversão da metáfora dos “emaranhados criativos” para as próprias imagens. Entendemos que a analogia entre a referida metáfora e o trabalho visual ora apresentado pode ser inicialmente pensada e materializada, por exemplo, na contemplação de duas de suas fotografias que retratam linhas sulcadas em um delicado tecido [fotos das páginas 61 e 118]. Do peculiar encontro de linhas, em ambas as fotografias, podemos perceber a

formação de sinuosas ondas, remetendo-nos ao movimento do mar [foto da página 61], ou mesmo aos desenhos – igualmente sinuosos – esculpidos nas areias do deserto pela ação do vento e do tempo [foto da página 118]. A contemplação reflexiva de tais imagens propicia a compreensão de que o trabalho fotográfico de Bira, embora possa ser pensado a partir de cada fotografia individualmente realizada, também é passível de ser compreendido como um conjunto unitário. Dito de outro modo, há um fio condutor no trabalho do artista que é o uso de linhas em expansão, comunicação e crescimento.

No que diz respeito, ainda, ao fio condutor do trabalho fotográfico de Bira, é possível observar como algumas de suas imagens dão a ver o entrelaçamento primevo de linhas tênues e paralelas que se encontram em uma curva sinuosa, como é o caso da imagem situada na página 52. Nessa imagem, as frágeis e contidas linhas quase que desaparecem ao se confundirem com o fundo branco da imagem. É possível observar que o fino traçado dessas linhas – muito sutis – traz a ideia do prelúdio de um processo em desenvolvimento, como as linhas maleáveis e frágeis de uma planta em crescimento. No decorrer do livro, as linhas observadas em suas fotografias posteriores vão tomando forma e vigor, como que em um crescendo, aumentando em número, intensidade de cores e texturas, como é o caso, por exemplo, das fotografias dispostas nas páginas 56, 111, 17 e 23. Na mesma esteira, é possível, de igual maneira, observar que mesmo em suas imagens mais figurativas há uma ênfase contundente no delineamento de linhas, encaminhando o fruidor a um ritmo de apreciação na qual um traçado vai paulatinamente se formando, se desenvolvendo e se materializando ao longo das imagens observadas [fotos das páginas 46 e 48].

As fotografias de Bira, pensadas em conjunto, explicitam a metáfora do emaranhamento de linhas, que crescem a partir de um ponto inicial, e sugerem o desenrolar de um processo vivo que se materializa em narrativas realizadas pelas próprias imagens. Essas imagens contam uma história do desenvolvimento e crescimento de suas linhas.

As linhas em desenvolvimento que se fazem notar no trabalho fotográfico de nosso artista sugerem caminhos e histórias percorridas - como aquelas linhas, parafraseando o soneto número dois de Shakespeare [2015], esculpidas na fronte da face humana pelo "assédio de quarenta invernos". Essas linhas, explicitadas no conjunto fotográfico apresentado no presente livro, contam uma história tecida pelo tempo, e as suas irregularidades vetoriais sugerem, ainda, incerteza e possibilidade da ação do acaso no processo de formação de novos e improváveis entrelaçamentos de linhas.

Para lançar mão de outra metáfora visual, passível de explicitar uma das variadas dimensões da obra de Bira, poderíamos pensar sobre uma improvisação visual - de jazz. Se possível fosse uma improvisação visual de jazz, poderíamos equipará-la às composições fotográficas do mencionado fotógrafo, nas quais a combinação de formas, linhas e cores, em um ritmo dissonante, permite ao fruidor uma espécie de prazenteiro devaneio imaginativo, sem restrições prévias e objetivas de significações fixadas pelas imagens. O entrecruzamento de linhas explicitado em suas imagens pode ser metaforizado pelas notas de diferentes instrumentos musicais que se encontram e dão forma à obra no decorrer do processo de interação e composição - seja ela musical ou imagética. Esse encontro de linhas, que delineia um emaranhado criativo musical-imagético, pode ser observado, por exemplo, na imagem da página 47, na qual o número de linhas em

cruzamento dá a ver a intensidade e a complexidade do desenrolar de um processo coletivo de criação.

A ideia de emaranhados criativos, à moda ingoldiana, faz lembrar não apenas as linhas e suas narrativas, propriamente ditas, retratadas no trabalho fotográfico de Bira, mas o seu próprio processo criativo, que tem início a partir de seu fascínio diante das formas e da dimensão qualitativa do mundo [uma semente], e se desenvolve como que em uma espécie de ramificação de linhas [metaforizadas pela imagem do crescimento da planta]. Nessa esteira, entendemos que determinado processo criativo [tanto no âmbito da arte, como no da vida] se daria como que numa espécie de desenvolvimento contínuo de linhas, no qual podemos observar a formação ininterrupta de formas, histórias e coisas - que se emaranham.

O processo em questão conta com uma série de elementos [ou linhas] presentes em seu nicho de interações, as quais, ao se entrelaçarem, propiciam o desenvolvimento da semente inicial: encontros, paisagens, formas, mídias produtoras da imagem, como os dispositivos fotográfico e de edição digital da imagem na etapa de pós-produção, recorte, ajustes de luz e cores. Dito de outro modo: o trabalho fotográfico do artista não se resume a um mero clique, haja vista que o processo criativo começa antes do registro da foto, contando, assim, de igual maneira, com o reconhecimento do espaço, dos sentimentos vivenciados pelo fotógrafo, entre outros. No decurso do referido processo, é importante vislumbrar as linhas invisíveis percorridas pelo próprio fotógrafo até chegar ao momento da pós-produção das imagens, momento esse no qual ele passa a colocar em prática aquilo que poderíamos denominar fotografias pictóricas. O caminho do

emaranhado criativo percorrido pelo fotógrafo nos faz pensar, assim, em linhas invisíveis que ele próprio dá a ver no resultado final de suas composições imagéticas.

Pensando a respeito do processo de criação de nosso artista, que, em dado momento, se emaranha com as próprias narrativas contadas pelo seu trabalho fotográfico, podemos tecer a seguinte indagação: em que momento a semente começa a germinar, a sair do solo e a virar linha? Ou, dito de outro modo: em que momento as imagens começam a ganhar vida própria, desgarrando-se, assim, dos emaranhados criativos que lhes deram origem? A resposta a essa questão é incerta. Sabemos, no entanto, que a semente será cuidada até que possa germinar e diferenciar-se das formas iniciais que lhe deram vida, aflorando, assim, para uma existência autônoma e única no mundo - como é o caso de cada fotografia apresentada neste livro.

As linhas tecidas pelas imagens de Bira, passíveis de serem observadas em seu trabalho fotográfico e em seu próprio processo de criação, são irregulares, até mesmo as que, inicialmente, parecem persistir em uma direção linear. São linhas errantes que sugerem um entrecruzamento em algum ponto incerto do tempo. O encontro dessas linhas rompe com a ordem pré-estabelecida, sugerindo a ideia de um constante movimento que se dá no decurso do próprio desenrolar dos processos inerentes à vida - e ao criar humano.

A partir do delineamento e desenvolvimento de suas eloquentes linhas, as fotografias de Bira sugerem que os fatos do mundo nos apresentam não apenas dimensões objetivas e duras da existência, mas uma miríade de qualidades impregnadas nos acontecimentos circunstanciais [CP. 1.302²; IBRI, 2020, p. 91]: o emaranhamento de cores, linhas, formatos

e texturas que contam e dão a ver um emaranhado de histórias. Captar essa dimensão sutil e delicada dos fatos, e ser capaz de transformá-la em uma narrativa contada pelas próprias imagens, é tarefa dos artistas e dos seres sensíveis à grande festa do mundo. As linhas que o artista dá a ver em seu trabalho fotográfico continuam a crescer com o exercício de contemplação e reflexão do espectador, que, a certa altura, dá continuidade ao processo de crescimento e encontro de linhas que ultrapassam aquelas passíveis de serem observadas nesta obra.

Por fim, o trabalho fotográfico do Bira traz-nos a sensação primeva do sentimento de estupefação e encantamento com a dimensão qualitativa que povoa o mundo, convidando-nos, com as linhas delineadas em seu trabalho fotográfico, à observação restauradora da delicada textura da qual a vida, as obras de arte e os processos criativos são feitos; a saber: do emaranhado improvável de linhas em crescimento.